



VI Simpósio Nacional de **HISTÓRIA CULTURAL** Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

COMO JERUSALÉM SE TORNOU A CIDADE SANTA

Aíla L. Pinheiro de Andrade*

Judaísmo, cristianismo e islamismo consideram Jerusalém¹ cidade sagrada, local onde teriam acontecido eventos considerados eminentemente significativos para cada uma dessas religiões.

Em Jerusalém está o *Kotel*, amplamente conhecido como *muro das lamentações*, de fundamental importância para o judaísmo já que é o último resquício do único templo pertencente a essa religião. A pouca distância do *Kotel* está o Jardim das Oliveiras, conhecido também como *Getsêmani*, considerado pelos cristãos como sendo o local onde Jesus teria sido preso pela centúria romana, fato que deu início ao processo que culminou na crucificação daquele que é o fundamento do cristianismo. O islamismo, por sua vez, construiu a mesquita *Domo da Rocha* no mesmo lugar onde os judeus afirmam que existiu o único templo da religião deles. A construção da mesquita

* Doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE (Belo Horizonte – MG), atualmente é professora de exegese bíblica na Faculdade Católica de Fortaleza - FCF (Ceará), situada a Rua Tenente Benévolo, 201 – Centro, CEP 60160-040, Fortaleza-Ceará, e-mail: ailapinheiro@bol.com.br.

¹ Jerusalém, cidade-estado cananéia pertencente aos jebuseus foi conquistada por Davi, rei de Israel, em meados do ano 1.000 aC para torná-la sede do governo. Mas para legitimar a teocracia, a cidade deveria possuir um santuário ao Deus nacional. Davi não pode construí-lo porque dependia das narrativas populares sobre aparições do Deus dos hebreus na localidade, e a memória religiosa popular não mencionava Jerusalém. A solução encontrada por Davi foi resgatar a importância da arca do “Senhor dos exércitos” e transferi-la para sua nova capital transformando-a numa cidade santa.

em Jerusalém tem a justificativa religiosa de marcar o local da suposta ascensão de Maomé ao céu em um cavalo alado descrita no Alcorão².

As ciências da religião não se satisfazem apenas em descrever os motivos pelos quais várias pessoas consideram Jerusalém local sagrado. A curiosidade científica exige que se investigue a origem da atribuição de uma sacralidade para essa cidade. E, sendo o judaísmo a mais antiga das três religiões em questão, isto se constitui um dado que deve ser considerado com acuidade para o estabelecimento de um ponto através do qual a pesquisa será iniciada.

Os escritos sagrados dos judeus – também assimilados pelos cristãos e que, posteriormente, serviram de base para o Alcorão – mencionam a conquista de Jerusalém como vontade de Deus executada por Davi, rei de Israel. Essa informação pode ser suficiente para uma pessoa de fé ingênua, para a pesquisa científica, ao contrário, revela um *iceberg* de questões submersas em aparentes expressões religiosas antigas e recentes.

2

O MÉTODO

Na bíblia, as narrativas sobre a conquista de Jerusalém, pelo rei Davi em meados do ano 1.000 aC, estão concentradas nos capítulos 1-6 do Segundo Livro de Samuel e nos capítulos 11-16 do Primeiro Livro das Crônicas. A maioria dos exegetas concorda em nomear essas narrativas de *História da Ascensão de Davi ao trono*, postas por escrito pelo escriba do reino a mando do monarca, para defender a legitimidade de seu governo teocrático, como vontade de Deus e não como golpe de estado. Na forma

² AUERBACH, Jacob; Dan BAHAT; Shaked GILBOA. “Western Wall” in *Encyclopaedia Judaica*, Detroit: Macmillan/Keter, 2007, vol. 21, p. 24-27. O Hakótel Hama'araví (הכתל המערבי), abreviado *Kotel*, é o local mais sagrado para o judaísmo. Em hebraico significa “muro ocidental”. Data da época de Herodes o Grande, que construiu grandes muros ao redor do templo no ano 37 aC ampliando a pequena explanada sobre a qual foi edificado duas vezes o Templo de Jerusalém, formando o que hoje se chama de Explanada das Mesquitas (na tradição islâmica) ou Explanada do Templo (na tradição judeu-cristã).

Os muçulmanos acreditam que Maomé durante a noite, cavalgando um ser mitológico alado chamado *Buraq*, teria feito uma “viagem” (*Isra*), saindo de Meca para “a mesquita mais distante” (*Al Aqsa*). Chegando a esse local ele teria “ascendido ao céu” (*Mi'raj*) para dialogar com Deus e com os outros profetas (cf. Alcorão, *Qhaba Qhausain* 53:9). Por volta do ano 690 dC *Al Aqsa* foi identificada com o local onde estavam as ruínas do templo dos judeus em Jerusalém e ali foi construída a Mesquita de Omar conhecida como Domo da Rocha.

como se encontram atualmente fixadas na bíblia são consequências de várias edições, sendo a última, provavelmente, durante a dominação persa sobre a Palestina (538-333 aC), quando receberam a edição final e a figura de Davi estava idealizada dentro de correntes messiânicas³.

O Método Histórico-crítico, que utilizamos para a abordagem desses relatos bíblicos, é comumente usado nas pesquisas realizadas em textos do Antigo Oriente Próximo. Os Métodos Histórico-críticos consistem em algo análogo aos que são usados na arqueologia, ou seja, o texto antigo é tratado como *tell narrativo* dividido em camadas, sobrepostas ao longo do tempo, fruto da mão de diversos redatores e edições⁴. Separando-se as camadas por contexto histórico, torna-se possível descobrir as diversas ideologias presentes nas narrativas.

FONTES EXTRABÍBLICAS

A denominação mais antiga de Jerusalém é atestada nas tabuinhas de *Tell el-Amarna*, datando de 1350 a.C. quando o rei de *Wru-shalém* enviou cartas ao faraó Amenófis IV pedindo ajuda bélica contra os bandos de guerreiros que tentavam assediá-la⁵. Jerusalém era uma cidade-estado cananéia pertencente aos jebuseus. Emugarítico chamava-se *Wru-shalém*, uma palavra composta pelo termo “wru”, que significa “fundada” ou “fundamento” e “Shalém” uma das divindades dos povos cananeus. *Wru-shalém* era um nome teofórico que significava “fundada pelo deus Shalém” ou “cujo fundamento é o deus Shalém”.

³ TILLESSE, Caetano M. “A Acessão de Davi”, *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza - Ce, v. 4, n. 2, 1987.

⁴ KIRKPATRICK, E. M. *Chambers 20th Century Dictionary*, Edinburgh: W & R Chambers, 1983, p. 1330. *Tell* (em hebraico תל) significa colina ou montículo. Na arqueologia, *tell* designa um montículo que é resultado da acumulação e da subsequente erosão de materiais depositados pela ocupação humana durante vários períodos.

⁵ MORAN, William L. (ed.). *The Amarna Letters*, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000. *Wru-shalém* é citada nos tabletes 280, 286, 288.

ASCENSÃO DE DAVI AO TRONO

A conquista de Wru-shalém por Davi está intimamente relacionada com a acessão dele ao governo sobre todas as tribos de Israel. Esse acontecimento foi consequência de vários conflitos envolvendo os adeptos de Davi e seus oponentes que continuavam fiéis à família de Saul, o primeiro rei. Após um combate com os filisteus que teve como resultado a morte de Saul e de Jônatas que seria o sucessor legítimo, Isbaal herdou o trono de seu pai e passou a reinar sobre as tribos do norte, enquanto Davi foi ungido rei de Judá. Davi escolheu como sede do governo a cidade de Hebron, a mais importante de Judá e Isbaal instalou-se em Gabaon, importante centro do norte.

Davi reinou durante sete anos sobre Judá e em pouco tempo constituiu um governo mais seguro e poderoso que o do rei anterior, então Isbaal foi assassinado e os anciãos (líderes) das tribos do norte, reconhecendo a situação insustentável, ungiram Davi como rei sobre todas as tribos de Israel.

Foi aí que Davi teve que deparar-se com um problema: se escolhesse permanecer em Hebron, as tribos do norte ficariam ofendidas, mas se decidisse reinar desde Gabaon, Judá seria desprezada. Em que lugar poderia ficar a capital de forma que esta fosse aceita por todos e, ao mesmo tempo, favorecesse o intercâmbio entre cada tribo e a sede do governo?

4

JERUSALÉM ESCOLHIDA PARA SER A CAPITAL

Davi decidiu-se por uma cidade neutra, situada quase no centro do seu reino. Uma cidade que não tinha pertencido a nenhuma tribo de Israel, Wru-shalém, a cidade dos jebuseus, situada em um monte e cercada por vales que a tornavam dificilmente conquistável.

Wru-shalém era o lugar ideal para ser a capital, mas, como Deus era o verdadeiro rei de Israel e Davi era apenas seu representante, o poder político não podia estar dissociado do poder religioso, senão a coesão das tribos seria impossível. Dessa forma a cidade deveria possuir um santuário para o Deus das 12 tribos.

Contudo, um santuário somente poderia ser construído onde houvesse memória de alguma manifestação do Deus nacional. Como não havia em nenhuma das narrativas sobre os patriarcas a menção de que Deus tivesse se manifestado naquele lugar, então naquela cidade não havia e nem poderia ser construído qualquer santuário para o Deus das tribos de Israel. A solução encontrada por Davi foi resgatar a importância da arca do “Senhor dos exércitos” e transferi-la para sua nova capital.

O FICCIONAL EM TORNO DA ARCA

De acordo com as narrativas mais antigas, antes das tribos se estabelecerem em Canaã, a “arca do Senhor” era um baluarte de guerra. Era necessária a presença dela no campo de batalha para assegurar a vitória. Contudo, os filisteus a sequestraram e tal acontecimento provocou um descrédito nos poderes dela. Mesmo após a sua devolução para Israel o fetiche havia se acabado, a arca não mais despertava medo nas pessoas e por isso ela ficou esquecida durante 70 anos.

O desafio para Davi era fazer da arca o trono da glória divina e penhor da presença invisível de Deus, por isso ela tinha que se tornar novamente um fetiche, isto significava que tocá-la seria uma violação que incorria em risco de morte. Para superar esse desafio, primeiramente Davi resolveu fazer a transferência da arca para Jerusalém com grande pompa. E já que se tratava da “arca do Senhor dos exércitos” ela tinha que ser escoltada pelo exército do reino, pelos chefes do povo e pelos sacerdotes num cortejo acompanhado de cânticos e danças. Essa procissão inspiraria os jovens, que talvez tivessem ouvido falar escassamente da arca, a ter grande reverência para com ela.

A arca tinha argolas para facilitar o transporte através de varais de madeira, mas estranhamente a narrativa afirma que ela foi transportada em um carro de bois. Naara-se ainda que um homem chamado Oza tentou segurá-la para que não caísse quando os bois tropeçaram e foi fulminado imediatamente pela ira de Deus por ter tocado o objeto sagrado. A menção do que aconteceu com Oza tem a função de exaltar a sacralidade e o poder da arca.

A narrativa assegura que Davi teve medo do poder da arca e não a levou logo para sua capital, mas a deixou sob a guarda de um clã sacerdotal por três meses. Esse

detalhe também fazia parte da estratégia. A ênfase que o relato dá a respeito das bênçãos recebidas pelo clã que guardou o objeto sagrado tem por objetivo convencer a todos que Deus havia aceitado a fixação da arca⁶ e que seria melhor deixá-la permanentemente em um lugar apropriado para que ninguém mais corresse risco de morte por causa de sua sacralidade.

CONCLUSÃO: A CIDADE GUARDIÃ DA ARCA

Dessa forma, Davi tem a arca e tem uma cidade para guardá-la. O que faz com que Jerusalém seja a cidade de Deus é que nela estava a “arca do Senhor”. A cidade inteira tornou-se sagrada. E sem a mobilidade a arca passou a ser também o trono de Deus a partir do qual ele reinava sobre Israel⁷. Salomão, filho e sucessor de Davi, construiu um templo para guardar a arca que ficava no *santo dos santos*, local permitido apenas ao sumo sacerdote uma vez por ano. Quando o templo foi destruído pelos babilônios em 586 aC não havia nenhuma arca ali. Para que o povo não perdesse a fé, foi dada uma explicação convincente para o desaparecimento da arca, mas essa é outra história.

6

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia Hebraica. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin, São Paulo: Ed.Sefer, 2006.

O Alcorão. Tradução de Mansour Challita, Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 1976.

AUERBACH, Jacob; Dan BAHAT; Shaked GILBOA. “Western Wall” in *Encyclopaedia Judaica*, Detroit: Macmillan/Keter, 2007, vol. 21.

KIRKPATRICK, E. M. *Chambers 20th Century Dictionary*, Edinburgh: W & R Chambers, 1983.

MORAN, William L. (ed.). *The Amarna Letters*, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000.

⁶ A arca tinha por objetivo a mobilidade, sua estrutura havia sido construída para favorecer essa finalidade. A sedentarização da arca seria considerada um absurdo no período seminômade.

⁷ As narrativas sobre a sacralidade da arca e sua função como trono de Deus foram reprojctadas para épocas anteriores a Davi.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

TILLESSE, Caetano M. “A Acessão de Davi”, *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza - Ce, v. 4, n. 2, 1987.